

Escondidos do mundo, aprendemos a nos
abrir uns com os outros

O dia em que nos tornamos irmãos

ALBERT DIBARTOLOMEO

EU TINHA 10 anos quando papai morreu. Oito meses depois, minha mãe, achando que eu precisava de mais estrutura e de modelos masculinos, matriculou-me no internato Milton Hershey.

Naquele dia, em fevereiro de 1964, sentia um nó na garganta, que se apertou quando nosso carro se aproximou da escola. Falava comigo mesmo, vezes e mais vezes: *Seja valente, seja o homem que deve ser, agora que seu pai morreu.* Na verdade, eu tinha bem pouca idéia de como ser um homem, a não ser a de que era preciso agir de forma impassível. Não protestei, embora cada fibra de meu corpo resistisse àquela viagem. *O que seria de minha vida? Como os outros meninos me tratariam?*

Quando chegamos, mamãe e eu visitamos a casa impecavelmente asseada. Alojava 16 garotos de minha unidade, com um apartamento para o

casal de pais postiços. Minha mãe ficou para trás enquanto me mostravam o quarto que dividiria com outro menino.

Ao voltar, a sala estava vazia.

– Onde está minha mãe?
– perguntei.

– Ah, ela já foi – revelou alguém.

Foi embora? Senti minhas pernas bambas. Depois, soube que o supervisor da escola tinha insistido para que ela saísse “de fininho”, sem se despedir, para evitar cena.

Passei a tarde no meu novo quarto. Quando os meninos voltaram das aulas, foram me ver.

– Puxa, mas você é baixinho – disse um garoto.

– Não, Lee. Ele é pequenino.



– Vamos chamá-lo de *Formiga* – decidiu Lee.

– Não, *Micróbio* é melhor.

– Gosto desses olhos que ele tem a mais – disse outro, apontando para meus óculos. – Quem sabe a gente deva chamá-lo de *Olhos de micróbio*?

E com isso eles se foram, para fazer os deveres. Depois do jantar, tínhamos uma hora livre até a etapa de estudos.

Peguei um livro e comecei a ler, mas Jim, meu companheiro de quarto, interrompeu-me:

– Tem algo que deve saber se não quiser que riam de você. Podem lhe pedir para pegar um balde de vapor ou uma chave inglesa de canhoto. Sua escova de dentes pode desaparecer. Ah, e é bom estar sempre com os óculos bem à vista.

– Obrigado pelo aviso.

Ele deu de ombros.

– E provavelmente vai ter de brigar com alguém em breve, se não desejar ser tratado como lixo.

Fiquei ali quieto, absorvendo o que ele havia dito. De repente, Jim perguntou:

– Foi seu pai que morreu, certo?

– Foi.

– Ninguém vai querer saber disso.

Naquela noite, fiz o possível para não chorar. Não adiantou.

As previsões de Jim estavam certas. Entrei numa briga quando dois garotos começaram a jogar bola com meus óculos. Furioso, meti a cabeça na barriga de um deles e passamos a nos esmurrar.

Nunca falei de meu pai, e ninguém me falou dos pais ou mães que tinham perdido. O código tácito dos meninos do internato Hershey não era a simples negação do sentimento, mas a negação de que nossos pais mortos tivessem sequer existido.

Um dos jogos preferidos pelos garotos era o de agarrar o adversário (como no futebol americano). Arremessavam a bola no ar e quem a pegasse tentava correr diretamente por entre os outros, sem ser derrubado. Aquilo era um pretexto para, propositalmente, chocar os corpos uns contra os outros, com o principal objetivo – descobri mais tarde – de amenizar nossa frustração e raiva.

No fim daquela primavera, o senhor e a senhora Carney passaram a ser encarregados de nossa casa e soltaram um pouco as rédeas. No entanto, as tarefas não eram mais cumpri-

das como antes. Além disso, alguns garotos se mostraram grosseiros com o casal.

A reação do senhor Carney foi convocar uma reunião em que os meninos pudessem desabafar suas queixas e os Carneys explicar o que esperavam de nós. Para mim, os Carneys não eram o “inimigo”, e sim pais substitutos que realmente se interessavam por nós. Durante a reunião, comentei: “Se há algum problema, é que os Carneys são bons *demais*. E alguns de vocês estão se aproveitando disso.”

Fui logo esnobado pela turma. Para me livrar dos outros, naquela sexta-feira os Carneys levaram-me para sua casa de fim de semana, onde a maior parte do tempo fiquei pescando.

Quando voltei à unidade, Jim avisou-me:

– Todos acham que está bajulando os Carneys. Estão danados com você.

Ótimo. Passara meses tentando me encaixar, e num minuto havia sido banido. Não me espantei quando, na manhã seguinte, encontrei minha escova de dentes dentro do vaso.

Dois meses depois escutei Lee, Bruce e Jim resolvendo o que fazer numa longa tarde de agosto.

– Vamos até o poço – falou Jim.

– Eu proponho o esconderijo – disse Lee, referindo-se a um lugar misterioso que eu ainda não conhecia.

– Por que a gente não sai andando por aí – sugeriu Bruce – e vê onde vai parar?

– Eu topo – concordou Jim.

– Eu também – acrescentei.

– Quem convidou você, seu bolha?

– Lee perguntou-me.

– Não me chame disso.

– Tudo bem, *Quatro olhos*.

Querendo evitar outra briga, controlei a raiva.

– Estou indo para lá – disse Bruce, apontando para o espaço aberto. – Se alguém quiser vir, ótimo. Se não, *bye-bye*.

Ele foi andando e Jim e Lee o acompanharam. Fiquei ali um instante, e depois me juntei ao grupo.

Após atravessarmos campinas cheias de flores silvestres, encontramos um riacho. Saltando por cima dele, logo chegamos a um milharal que se estendia até onde a vista alcançava.

– Vamos entrar – disse Lee. E entramos, sem entusiasmo.

Ficamos escondidos, mas continuamos a penetrar no campo. As folhas batiam em nossos rostos e as espigas em nossas cabeças. Atravessamos talvez umas 30 fileiras antes de parar e sentar no chão.

– É aqui o esconderijo? – perguntei.

– Que nada – revelou Lee, tirando cigarros do bolso da calça.

– Acho que não devia fumar aqui – preveniu Jim.

– Eu também – concordou Bruce.

Lee deu de ombros.

– Tudo bem, *na boa*.

Fiquei espantado, mas notei que havia algo naquele milharal que mudava nosso comportamento. Era o lugar que desfazia as inibições e as aparências de valentão. Escondidos do mundo, ali nos encontrávamos nos caminhos dentro de nós, os quais só percorríamos na intimidade.

Bruce foi o primeiro a falar.

– Meu pai era vendedor. Certo dia,

um caminhão avançou o sinal vermelho e bateu no carro dele. Morreu na hora. Eu estava no colégio e me mandaram ir para casa. Sabia que algo importante havia acontecido, mas nunca pensei que fosse isso.

– O meu teve um ataque cardíaco – contou Jim. – Eu quase não o conhecia. Tinha 4 anos. Ele era professor.

Houve uma pausa. Foi a vez de Lee:

– Meu *velho* era carpinteiro. Num verão fez para mim um vagão fechado. Levou-me a uns jogos dos Yankees, e um dia fomos ao circo. Teve câncer nos ossos. Era um homem grande, mas quando morreu, parecia uma vagem.

Os olhos de Lee estavam cheios d'água. Virou-se para as profundezas do milharal. Os outros fizeram o mesmo. Tinham expressões que eu nunca vira. Por muito tempo, ninguém falou. Eu só ouvia o farfalhar dos pés de milho e o som da gralha distante.

Bruce rompeu o silêncio:

– Você não contou do seu.

Eu não sabia bem se queria falar. Tinha sobrevivido em Hershey continuando “forte”, e agora relutava em fraquejar. Porém, como eles, estava louco para desabafar.

– Meu pai sofreu de diabetes por muito tempo – revelei, hesitando –, mas os rins foram atacados e isso o matou. Uma noite, chamaram minha mãe ao hospital. Eu estava na cama quando ouvi a porta se abrir. Os passos dela subindo a escada pareciam... tristes. Eu já sabia antes que ela me contasse: “Seu pai morreu.”

Não falamos muito sobre o que sentimos quando nossos pais morreram. Os rostos diziam tudo. Em vez disso, fa-

lamos da vida deles. Como eram e quem eram. Se tivéssemos fotografias, nós as teríamos partilhado. Contudo, nenhum de nós possuía uma foto, nem mesmo nos quartos, pois nos lembraria muito de uma vida feliz.

A conversa sobre nossos pais cedeu lugar a outros assuntos menos pesados, e logo ficamos mais leves. No momento em que saímos para a luz do sol, fizemos um pacto: a vida distribuía suas perdas, mas não tínhamos de suportá-las sozinhos. Pela primeira vez nos demos conta de que tínhamos em comum

não só a perda dos pais, como também a necessidade de liberar a tristeza que isso causava.

No caminho de volta, paramos para beber água no riacho. Jim estava ao meu lado. Vi quando tirou o capacete de beisebol, jogou água no rosto e passou os dedos molhados nos cabelos. Depois, em vez de tornar a colocá-lo, estendeu o braço e o pôs na minha cabeça. Os outros se agruparam à nossa volta e, juntos, pulamos o riacho. Tive certeza, ao voltarmos ao internato, que estávamos caminhando como irmãos.



A gente se conhece?

– OLÁ, COMO VAI? – disse ele, estendendo a mão.

Satisfeito ao ver um rosto conhecido, cumprimentei-o apertando-lhe a mão.

– Como vão sua mulher e seus filhos? – quis saber ele.

– Bem, e os seus? – respondi.

Então, de repente, comecei a ter dúvidas. *Com certeza conheço esse homem, mas quem diabos ele é?*, pensei. Amaldiçoando minha memória, decidi me arriscar.

– Sinto muito. Por mais que me esforce, não consigo lembrar o seu nome.

– Que engraçado – disse ele. – Eu também não consigo lembrar o seu!

Decidimos tomar um café para resolver o mistério. O nosso tipo de trabalho esclareceu o assunto. Com freqüência, permanecíamos longo tempo fora, em viagens de negócios. Alguns anos antes, havíamos nos sentado frente a frente em um restaurante, durante semanas, três vezes ao dia, sem trocarmos uma única palavra. Por vezes, éramos os únicos fregueses. Conhecíamos-nos, sem na verdade nos conhecermos.

Essa experiência me transtornou consideravelmente. É o sinal de quão indiferentes podemos ser, no subconsciente, em relação aos outros. No entanto, aqueles com quem tratamos diariamente são parte de nossas vidas. Ao ignorá-los, isolamo-nos do mundo exterior. Na ilusão de estarmos nos protegendo desse mundo, tornamo-nos, de fato, mais suscetíveis.

Desde então, olho para o mundo sob outro prisma, e assim me parece mais fácil devolver um sorriso ou estender a mão. Jean-Louis Guillou, Plougoulm, França